

XIV

PRESTANDO ASSISTÊNCIA

Meus companheiros de missão pareciam menos interessados em seguir o caso Dimas, durante a noite, inclusive Jerônimo, reservando-se para a continuidade do esforço no dia imediato, quando nos caberia transportá-lo até ao abençoado abrigo de Fabiano.

Não se verificava o mesmo quanto a mim.

Desembaraçando-me dos laços físicos, noutro tempo, não conseguira efetuar observações educativas para o meu acervo de conhecimentos. O choque sensorial no transe, para a minha personalidade ainda desatenta ante as questões do espírito eterno, impedira-me a análise minuciosa do assunto. Agora, porém, a oportunidade poderia fazer mais luz em minhalma, quanto à posição dos récem-desencarnados, antes da inumação do envoltório grosseiro.

Expondo ao Assistente o meu propósito de aprender, recebi dele a mais ampla permissão. Poderia visitar a residência de Dimas, à vontade, lá permanecendo durante as horas que desejasse.

A aquiescência de Jerônimo enchia-me de prazer. Não só pela ocasião de enriquecer-me na esfera prática, mas também porque o fato, em si, era bastante expressivo. Pela primeira vez, um companheiro de trabalho, com autoridade suficiente, concordava com o meu desejo de humílimo operário. O consentimento, portanto, representava preciosa conquista. Constituía a liberdade instru-

tiva, com a responsabilidade de minha consciência e a confiança de meus superiores hierárquicos.

Deixando a Casa Transitória, em plena noite, vi-me, em breve, no ambiente doméstico onde o amigo se desfizera dos elos da matéria mais espessa.

Entrei. A casa enchia-se de amigos e simpatizantes, encarnados e desencarnados. Não se articulavam quaisquer serviços de defesa. Notei que havia trânsito livre pelos grupos de variadas procedências.

Em recuado recanto, ainda ligado às vísceras inertes pelo cordão fluido-prateado, permanecia Dimas no regaço da genitora, ao pé de dois amigos que, cuidadosos, o assistiam.

A nobre matrona reconheceu-me, comovida, apresentando-me aos companheiros presentes.

Um deles, Fabriciano, acolheu-me, prestativo, interessando-se pelos informes atinentes ao desenlace. Relatei-lhe os trabalhos, pormenorizadamente. Em seguida, o interlocutor passou a explicar-se:

— Sempre tive por Dimas sincera admiração, pelo proveitoso concurso que soube oferecer-nos. Integro a comissão espiritual de serviço que vem atendendo aos necessitados, por intermédio dele, nos últimos seis anos. Foi sempre assíduo nas obrigações, bom companheiro, leal irmão.

Surpreso com as referências, indaguei:

— Há, desse modo, comissões de colaboração permanente para os médiuns em geral?

— Não me reporto à generalidade — redarguiu o interlocutor — porque a mediunidade é título de serviço como qualquer outro. E há pessoas que pugnam pela obtenção dos títulos, mas desestimam as obrigações que lhes correspondem. Gostariam, por certo, do intercâmbio com o nosso plano, mas, não cogitam de finalidades e responsabilidades. Em vista disso não se estabelecem conjuntos de cooperação para os médiuns em geral, mas apenas para aqueles que estejam dispostos ao trabalho ativo. Há muitos aprendizes que não

ultrapassam a fronteira da tentativa, da observação. Desejariam o caminho bem aplainado, exigindo a convivência exclusiva dos Espíritos genuinamente bondosos. Experimentam a luta construtiva, através de sondagens superficiais e, à primeira dificuldade, abandonam compromissos assumidos. A aquisição da fortaleza moral não prescinde das provas arriscadas e angustiosas. Entretanto, em face das exigências naturais do aprendizado, dizem-se feridos na dignidade pessoal. Não suportam a aproximação de infelizes encarnados ou desencarnados, estacionando à menor picada de dor. Para semelhantes experimentadores, seria extremamente difícil a formação de equipes eficientes, representativas de nosso plano. Não se sabe quando estão dispostos a servir. Se recebem faculdades intuitivas, pedem a incorporação; se contam com a vivência, querem a possibilidade de exteriorizar fluidos vitais para os fenômenos de materialização.

Escutei as observações sensatas do novo amigo e, registando-lhe a nobreza d'alma, passei a considerações íntimas em torno da tarefa que nos levara até ali.

Porque se formara expedição destinada a socorro de servidor que dispunha de amigos de tamanha competência moral? Fabriciano demonstrava conhecimentos elevados e condição superior. O obsequioso amigo, porém, evidenciando extrema acuidade perceptiva, antes que eu fizesse qualquer pergunta inoportuna, acrescentou:

— Não obstante nossa amizade ao médium, não nos foi possível acompanhar-lhe o transe. Temos delegação de trabalho, mas, no assunto, entrou em jogo a autoridade de superiores nossos, que resolveram proporcionar-lhe repouso, o que não nos seria possível prodigalizar-lhe, caso viesse diretamente para a nossa companhia.

A palestra conduzia-se a interessantes ângulos do problema da morte. Seduzido pelas considerações, interroguem sobre o que já sabia, mais ou

menos, a fim de poder penetrar particularidades mais significantes:

— Nem todas as desencarnações de pessoas dignas contam com o amparo de grupos socorristas?

— Nem todas — confirmou o interlocutor, acentuando — todos os fenômenos do decesso contam com o amparo da caridade afeta às organizações de assistência indiscriminada; no entanto, a missão especialista não pode ser concedida a quem não se distinguiu no esforço perseverante do bem.

— Todavia — objetei, curioso, tangendo a corda que mais me interessava no assunto — não há casos de criaturas, essencialmente bondosas, que se libertam dos laços físicos — mais ou menos entrosados em comissões de serviço espiritual de natureza superior — sem que haja missões salvacionistas, previamente designadas para socorrê-las?

Após breve pausa, acrescentei para fazer-me mais claro:

— Vamos que Dimas estivesse em ligação recente com a sua comissão de trabalho e desencarnasse sem o cuidado dum grupo socorrista: seria deixado à mercê das circunstâncias?

Riu-se Fabriciano, com franqueza, e retrucou:

— Isso poderia acontecer. Temos precedentes. De maneira geral, ocorrem semelhantes casos com os trabalhadores aflitos por conseguir de qualquer modo a desencarnação, alegando necessidades de repouso. Muitas vezes, no fundo, são criaturas bondosas, mas menos lógicas e pouco inteligentes. Na semana finda, por exemplo, observámos um caso dessa natureza. Respeitável senhora, jovem ainda, pelas disposições sadias que demonstrou no campo da benemerência social, foi ligada à dedicada corrente de serviço, organizada por amigos nossos. Verificando-se, contudo, pequenas rústicas entre ela e o esposo, e tendo conhecimento da imortalidade da vida, além do sepulcro, desejou a pobre criatura ardente morrer. Tolas levian-

dades do marido bastaram para que maldissessem o mundo e a Humanidade. Não soube quebrar a concha do personalismo inferior e colocar-se a caminho da vida maior. Pela cólera, pela intemperança mental, criou a ideia fixa de libertar-se do corpo de qualquer maneira, embora sem utilizar o suicídio direto. Conhecia os amigos espirituais a que se havia unido, mas, longe de assimilar-lhes ajuizadamente os conselhos, repelia-lhes as advertências fraternas para aceitar tão somente as palavras de consolação que lhes eram agradáveis, dentre as admonestações salutares que lhe endereçavam. E tanto pediu a morte, insistindo por ela, entre a mágoa e a irritação persistentes, que veio a desencarnar em manifestação de icterícia complicada com simples surto gripal. Tratava-se de verdadeiro suicídio inconsciente, mas a senhora, no fundo, era extraordinariamente caridosa e ingênua. Não se recebeu qualquer autorização para conceder-lhe descanso e muito menos auxílio especial. Os benfeiteiros de nossa esfera, apesar de eficiente intercessão em benefício da infeliz, somente puderam afastá-la das vísceras cadavéricas, há dois dias, em condições impressionantes e tristes. Não havendo qualquer determinação de assistência particularizada, por parte das autoridades superiores, e porque não seria aconselhável entregá-la ao sabor da própria sorte, em face das virtudes potenciais de que era portadora, o diretor da comissão de serviço, a que se filiara a imprevidente amiga, recolheu-a, por espírito de compaixão, em plena luta, e ela se foi, de roldão, a trabalhar por aí,ativamente, em condições muito mais sérias e complicadas.

A elucidação atingira-me, fundo.

Informara-me sobre o que desejava. A lei divina, de fato, perfeita em seus fundamentos, é igualmente harmoniosa em suas aplicações.

Fabriciano, estampando belo sorriso, aduziu:

— Não frutifica a paz legítima sem a semea-

dura necessária. Alguém, para gozar o descanso, precisa, antes de tudo, merecê-lo. As almas inquietas entregam-se facilmente ao desespero, gerando causas de sofrimento cruel.

Logo após, contemplando o recém-desencarnado, como a indicar que deveríamos centralizar todo o interesse da hora no bem-estar dele, considerou, acariciando-lhe a fronte:

— Nosso amigo repousa agora, terminada a tormenta das provas incessantes. Está enfraquecido, o pobrezinho! A sensibilidade, posta a serviço da obrigação bem cumprida, castigou-lhe a alma, até ao fim; todavia, plantou a fé, a serenidade, o otimismo e a alegria em milhares de corações, estabelecendo sólidas causas de felicidade futura. Por enquanto, permanecerá na posição de ave frágil, incapaz de voar longe do ninho.

— Felizmente — aventou a genitora, satisfeita — vem melhorando de modo visível. Os resíduos que o ligam ao cadáver estão quase extintos.

Relanceou o olhar pelos ângulos da modesta residência e acrescentou:

— Se fosse possível receber maior cooperação dos amigos encarnados, ser-lhe-ia muito mais fácil o restabelecimento integral. No entanto, cada vez que os parentes se debruçam, em pranto, sobre os despojos, é chamado ao cadáver, com prejuízo para a restauração mais rápida.

— Lamentavelmente, porém — tornou Fabriciano — nossos irmãos encarnados não possuem a chave de reais conhecimentos para organizar ação adequada a esta hora.

— Em vista disso — revidou a genitora, conformada — insisto para que Dimas durma, embora o sono, que poderia ser calmo e doce, esteja povoado de pesadelos.

Diante da surpresa que me absorvia, o companheiro apressou-se a esclarecer-me:

— As imagens contidas nas evocações das palestras incidem sobre a mente do desencarnado,

mantido em repouso depois de rápido mergulho na contemplação dos fatos alusivos à existência finda. Não sómente as imagens. Por vezes, nossos amigos presentes, fecundos nas conversações sem proveito, exumem, com tamanho calor, a lembrança de certos fatos, que trazem até aqui alguns dos protagonistas já desencarnados.

As afirmações ouvidas incitaram-me a curiosidade. Fabriciano, entretanto, desejando prodigalizar-me experiência direta, aconselhou:

— Espere alguns minutos na sala contígua, onde os despojos recebem a visitação.

Obedeci.

O velório apresentava o aspecto usual. Flores perfumadas, semblantes sisudos e conversações discretas.

Ao pé do cadáver, propriamente considerado, os amigos sustentavam reserva e circunspeção. A poucos passos, todavia, davam-se asas ao anedotário vibrante, em torno do amigo em trânsito para o "outro mundo". Pequenas e grandes ocorrências da vida do "morto" eram lembradas com graça e vivacidade.

Acerquei-me de roda compacta, em que se falaava a respeito dele.

Certo rapaz dirigiu-se a cavalheiro muito idoso, perguntando:

— Coronel, recebeu a conta?

— Por enquanto, não — respondeu o velhote interpelado, preparando fumo de rolo para cigarro à moda antiga — mas não me preocupo pela demora. Dimas foi sempre bom camarada e os filhos não olvidarão o compromisso paterno. Questão de tempo...

Interessado em ressaltar as qualidades distintas do "falecido" e revelando suas boas disposições de historiador municipal, prosseguiu:

— Dimas era um homem interessante e excepcional. Sempre lhe invejei a serenidade. Em matéria de prudência, raras pessoas conheci seme-

lhantes a ele. E' verdade que nunca me dei a estudos espiritistas, mas confesso que, ao lhe observar a maneira de proceder, sempre desejei conhecer a doutrina que lhe formava o caráter.

Até aí, tudo muito bem. Embora a invocação dos débitos do "morto", o credor apenas pronunciava palavras de estímulo e paz.

Todavia, no estado atual da educação humana, é muito difícil alimentar, por mais de cinco minutos, conversação digna e cristalina, numa assembleia superior a três criaturas encarnadas.

O comentarista modificou o diapasão de voz, olhou na direção do cadáver e observou, em tom confidencial:

— Poucos homens foram de boca segura como este. Conheci Dimas, faz muitos anos, e estou certo de que foi testemunha ocular de pavoroso crime, que nunca se desvendou para os juízes da Terra.

Após ligeira pausa, acendeu o cigarro e perguntaou, reaguçando a curiosidade dos ouvintes:

— Nunca souberam?

Os presentes mostraram silenciosa negativa.

— Vai para trinta anos — continuou o narrador — Dimas residia ao lado de nobre família, que guardava consigo valiosos patrimônios da coletividade, relativamente à orientação pública. Desse agrupamento doméstico, superiormente conceituado na apreciação geral, emanavam ordens e benefícios da mais elevada expressão para o bem-estar de todos. Como não ignoram, há três decênios a vida no interior ainda conservava expressiva herança do Brasil imperial. A economia centralizada mantinha a "casa grande" simbólica, onde se traçavam roteiros para o serviço popular. Situado na vizinhança de residência feudal como essa, nosso amigo levava existência humilde de trabalhador, organizando o futuro de homem de bem.

O cavalheiro, insciente dos problemas do espírito, enunciou nomes, relacionou datas e lembrou

brejeiramente certos pormenores, prosseguindo com maliciosa jocosidade:

— Certa noite, pela madrugada, conhecido chefe político saía do palacete residencial pelos fundos, acompanhado de uma senhora que aparentava excessiva preocupação consigo mesma, ao despedir-se com intempestiva manifestação de afeto. Terminado o estranho adeus e, vendo-se sózinho, o "Don Juan" deu alguns passos para a retirada, espiou, cauteloso, em torno, e ia continuar a marcha, quando reparou que alguém lhe observara a intimidade com a esposa de respeitável amigo. Era modestíssimo operário, que talvez estivesse ali por força de circunstâncias inapreciáveis. O político alcançou-o, dum salto. Homem de compleição robusta e paixões violentas, aproximou-se do espectador inesperado e interpelou-o, brutalmente, ao que o misero respondeu, humilde:

— Doutor — não estou espreitando, juro-lhe!

— Pois morrerá, de qualquer modo — adiantou o atlético agressor, em voz sumida de cólera.

Agarrou-o pelo paletó e acentuou, de dentes cerrados:

— Vermes que perturbam, devem morrer.

— Não me mate, doutor! não me mate! — rogou o infeliz — tenho mulher e filhos! saberei respeitá-lo!..

Não valeu à vítima dobrar-se de joelhos, na súplica, porque o homem terrível, cego de fúria, tomou a arma e desfechou-lhe certeiro tiro no coração, afastando-se, precipite.

Dimas, tendo observado os fatos a curta distância, gritou, fazendo-se ouvir pelo assassino, que o reconheceu pelas exclamações, e correu no sentido de amparar o ferido, mas, em verdade, a vítima nem chegou a gemer. Avançando para o assassinado, quando outras pessoas, em roupas brancas, acorriam igualmente à pressa, por verificar o ocorrido, manteve-se a cavaleiro de qualquer atitude suspeitosa; no entanto, chamado a esclarecimento

pelas autoridades, ele, que tudo sabia, nada revelou. Protegeu o morto nos funerais, dispensou-lhe extremos cuidados, extensivos à família, portou-se como cristão fiel, esquivando-se, contudo, ao fornecimento de quaisquer indícios para que o criminoso fosse capturado, alegando desconhecer qualquer minúcia dos fatos que deram motivo ao acontecimento. E o caso policial foi encerrado, na suposição de latrocínio. A única testemunha, que era ele, considerava preferível o silêncio ao escândalo que traria enormes dissidências domésticas e sociais.

O narrador fixava os despojos e acentuava:

— Boca segura! não conheci homem mais discreto...

Certo ouvinte indagou, brejeiro:

— Mas, coronel, como veio a saber das particularidades, se Dimas não chegou a denunciar?

O interpelado fez um gesto de franca satisfação e acrescentou:

— Vantagem da boa amizade com os sacerdotes. Meu velho amigo, o padre F..., que Deus guarde, contou-me o fato, sumamente impressionado. Ouviu o assassino, em confissão, antes da morte dele e obteve todos os pormenores da obscura ocorrência. O homicida, cuidadoso na exposição das faltas, não se esqueceu de nomear Dimas ao vigário, como exclusiva testemunha do pecado mortal cometido. O padre, contudo, excelente amigo, cheio de experiência do mundo, não trouxe o caso a público. As pessoas envolvidas no drama deixaram descendência distinta e seria crueldade rememorar acontecimento tão triste.

O narrador estampou curiosa expressão no rosto e rematou, apagando o cigarro:

— Tudo passa... Morreram a vítima, a adultera, o assassino, o confessor e, agora, a testemunha. Certo, haverá lugar, fora deste mundo, para fazer-se a justiça.

Nesse momento, horrível figura, seguida de ou-

tras, não menos monstruosas, surgiu de inesperado. Acercando-se do leviano comentador, ouviu-lhe, ainda, as últimas palavras, sacudiu-o e gritou:

— Sou eu o assassino! que quer você de mim? porque me chama? é juiz??

O narrador não enxergara o que eu via, mas seu corpo foi atingido por involuntário estremeção, que arrancou abafado riso dos presentes.

Logo após, o homicida desencarnado, atraído talvez pelo cheiro forte das flores reunidas na eça improvisada, teve a perfeita noção do velório. Abalou-se, precipitado, pondo-se na contemplação do morto.

Reconheceu-o, estampou um gesto de profunda surpresa, ajoelhou-se e gritou:

— Dimas, Dimas, pois também tu vens para a verdade?! onde estás, bom amigo, que me velaste a falta com o véu da caridade sem limites? Socorre-me! estou desesperado! onde encontrarei minha vítima para suplicar o perdão de que necessito? Ajuda-me, ainda! Tem compaixão! deves saber o que ignoro! socorre-me, socorre-me!...

Ao lado do infeliz, em rogativa, diversas entidades sofredoras permaneciam extáticas.

Mas Fabriciano surgiu inesperadamente e ordenou aos invasores afastamento imediato.

Limpa a câmara, o novo amigo dirigiu-se a mim, observando:

— Garanto que este grupo entrou nesta casa por invocação direta.

Narrei-lhe, impressionado, o que vira.

Ouviu-me calmamente e ponderou:

— A observação, feita por nós mesmos, é sempre mais valiosa. Dimas, não obstante dedicado à causa do bem e compelido a grande esforço de cooperação na obra coletiva, descuidou-se de incentivar a prática metódica da oração em família, no santuário doméstico. Por isso tem defesas pessoais, mas a residência conserva-se à mercê da visitação de qualquer classe.

A elucidação era significativa. Comecei a compreender a razão do sentimentalismo prejudicial da família inconformada. Desejando, porém, fixar o aprendizado da noite sobre assunto atinente à desencarnação, perguntei:

— Nosso amigo recém-liberto terá ouvido a súplica do irmão desventurado?

— Geme sob terrível pesadelo, nos braços maternos — explicou Fabriciano, solícito — ao recordar o fato relatado. Desde alguns minutos acompanhamos a agitação dele, reparando que recebia choques desagradáveis, através do cordão final.

— Ouvindo e vendo os quadros invocados? — insisti, perguntando.

— Não chegou a ver, nem ouvir, integralmente, em face da perturbação espontânea, mas vislumbrou, sentiu, oprimiu-se e torturou-se, prejudicando a reconquista de si mesmo. As forças mentais estão revestidas de maravilhoso poder.

Indicando os grunhos que continuavam conversando, acentuou, sem aspereza:

— Nossos amigos da esfera carnal são ainda muito ignorantes para o trato com a morte. Ao invés de trazerem pensamentos amigos e reconfortadores, preces de auxílio e vibrações fraternais, atiram aos recém-desencarnados as pedras e os espinhos que deixaram nas estradas percorridas. É por isso que, por enquanto, os mortos que entregam despojos aos solitários necrotérios da indigência são muito mais felizes.

Ainda não havia terminado, de todo, as considerações, quando a esposa de Dimas, num acesso de pranto, levantou-se do leito em que repousava e adiantou-se para o cadáver, repetindo-lhe o nome, comovedoramente:

— Dimas! Dimas! como ficarei?! estaremos separados, então, para sempre?...

Como Fabriciano se dirigisse apressado para o quarto humilde em que permanecia o desencarnado, acompanhei-o. A genitora do médium fazia

esforços para contê-lo, mas de balde. Pelo fio prateado, estabelecer-se vigoroso contacto entre ele e a companheira, porque Dimas se ergueu, cambaleante, apesar do carinho materno. Estava lívido, semi-louco. Avançou para a sala mortuária, rogando paz, mas antes que pudesse aproximar-se muito dos despojos, Fabriciano aplicou energias de prostração na esposa imprudente, que foi novamente conduzida ao leito, agora sem sentidos, enquanto Dimas voltava ao regaço maternal, menos aflito.

O amigo esclareceu-me, sereno:

— Há situações em que o drástico deve ser medida inicial. Nossa irmão muito fez pela harmonia dos outros, durante a existência, e merece libertação pacífica. Sinto-me, pois, no dever de garantí-lo para que se desembarace dos últimos resíduos que ainda o inclinam à matéria densa.

Outros amigos e afeiçoados do médium chegaram ao ambiente doméstico, interessados em ajudá-lo e, como a noite ia muito alta, despedi-me dos companheiros, pondo-me de regresso ao acolhedor asilo de Fabiano.

No outro dia, ao me avistar, disse-me o Assistente Jerônimo, após a saudação inicial:

— Espero, André, que o velório lhe tenha trazido úteis e instrutivos ensinamentos.

Sim, o estimado Assistente falava com muita propriedade e razão. Eu aprendera muito, durante a noite. Aprendera que as câmaras mortuárias não devem ser pontos de referência à vida social, mas recintos consagrados à oração e ao silêncio.

XV

APRENDENDO SEMPRE

Duas horas antes de organizar-se o cortejo fúnebre, estávamos a postos.

A residência de Dimas enchia-se de pessoas gradas, além de apreciável assembleia de entidades espirituais.

Jerônimo, resoluto, penetrou a casa, seguido de nós outros. Encaminhou-se para o recanto onde o recém-desencarnado permanecia abatido e sonolento, sob a carícia materna. Reparei que o médium liberto tinha agora o corpo perispiritual mais aperfeiçoados, mais concreto. Tive a nítida impressão de que, através do cordão fluídico, de cérebro morto a cérebro vivo, o desencarnado absorvia os princípios vitais restantes do campo fisiológico. Nossa dirigente contemplou-o, enternecido, e pediu informes à genitora, que os forneceu, satisfeita:

— Graças a Jesus, melhorou sensivelmente. É visível o resultado de nossa influência restauradora e creio que bastará o desligamento do último laço para que retome a consciência de si mesmo.

Jerônimo examinou-o e auscultou-o, como clínico experimentado. Em seguida, cortou o liame final, verificando-se que Dimas, desencarnado, fazia agora o esforço do convalescente ao despertar, estremunhado, findo longo sono.

Sómente então notei que, se o organismo perispiritico recebia as últimas forças do corpo inanimado, este, por sua vez, absorvia também algo de energia do outro, que o mantinha sem notáveis